

Aula 04

A teoria do valor em Marx e a educação

Daniel Cara (FEUSP)

Economia Política

Economia política é a ciência que estuda as relações sociais de produção, circulação e distribuição de bens materiais - o que inclui mercadorias - que visam atender as necessidades humanas, identificando as leis que regem tais relações.

É **política** porque surge a partir das reflexões sobre **Estado** e **exercício de governo**.
(*Estado é diferente de governo*).

Com a **revolução marginalista**, no final do século XIX, o termo **Economia Política** foi paulatinamente trocado pelo termo **economia**, usado por aqueles que buscavam reduzi-la ao enfoque matemático e axiomático, que concebiam o **valor na utilidade que o bem proporciona ao indivíduo**.

Adam Smith revoluciona a Economia Política ao propor a teoria do *valor-trabalho*.

Economia Política

Liberalismo: Fundador - Adam Smith (1723-1790), influenciado por William Petty, David Hume, François Quesnay, entre outros.

“A riqueza das nações” (1776)

Tese: existe uma tendência humana *natural e espontânea* à troca, que confere à produção de mercadorias (e ao capitalismo) uma existência também “natural”.

Vantagens pessoais > divisão do trabalho (cooperação) > concorrência = **prosperidade.**

Mão invisível = Virtuosismo (do mercado) = Lei do Equilíbrio.

O Estado pode e deve intervir, mas desde que não rompa a Lei do Equilíbrio.

Economia Política

Lógica *smithiana*:

Interesse pessoal > maximização dos benefícios dos indivíduos / agentes econômicos > supostos fundamentos “naturais” do capitalismo

Benthan (1748-1832) e Say (1762-1832) reiteram a conotação natural e a-*histórica* ao capitalismo.

Valor de uso é sensorial > lucro é um prêmio – até mesmo moral (abstinência) – originado na austeridade e no trabalho > não há crises para além de turbulências passageiras > capitalismo tende sempre ao equilíbrio.

Economia Política

Herdeiros de Adam Smith:

David Ricardo (1772-1823), Thomas Malthus (1766-1834) e John Stuart Mill (1806-1873).

Tarefa: desvendar a natureza triunfante do capitalismo.

Economia política

10 tarefas empíricas/analíticas do liberalismo:

1. A definição do valor-trabalho;
2. Desvendar o enigma das trocas;
3. Proporcionar explicação para os salários;
4. Desvendar os lucros, a renda da terra e os juros;
5. Explicar o significado da moeda e do crédito;
6. Entender a acumulação capitalista;
7. Sugerir políticas de tributação;
8. Apontar políticas de intervenção estatal;
9. Discutir as relações entre classes sociais;
10. Identificar transformações estruturais do capitalismo.

O ocaso do liberalismo

Duas “contestações”:

1) Karl Marx (1818-1883): capitalismo não é natural, é fruto de relações sociais. Capitalismo é histórico. E o capitalismo é uma forma de exploração da força de trabalho.

2) Teoria marginalista: economia é uma ciência e deve ter objeto definido – o “homem econômico racional”. Extrai a **Economia** da **Economia Política**.

Karl Marx e a Economia Política

Todo começo é difícil em qualquer ciência (Karl Marx)

Frase do Prefácio da 1ª Edição de “O Capital: crítica da economia política” (MARX, 2014, p. 15).

Referência da apresentação:

CARA, Daniel. **O fenômeno de descumprimento do Plano Nacional de Educação**. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação – USP, 2019, pp 35-38.

Marx e a Economia Política

“Nota da edição francesa” à “Contribuição à crítica da economia política” (MARX, 2011), Émile Bottigelli revela que em 1842, ao estudar para a “*Rheinische Zeitung*” (Gazeta Renana) a legislação sobre roubos de lenha e a situação dos camponeses do Rio Mosela, que Karl Marx “foi levado a dar toda a devida importância às relações econômicas”. Segundo Bottigelli, Marx compreendeu que:

Não é a vontade dos homens que dá ao Estado sua estrutura, mas sim a situação objetiva das relações entre eles. Não é o aparelho jurídico que explica a sociedade burguesa, como queria Hegel; ele é apenas uma superestrutura e a sociedade burguesa encontra a sua explicação nas relações de propriedade. Esta idéia, que tomará forma na ‘Introdução à crítica da filosofia do direito de Hegel’, vai orientar suas pesquisas e, **quando em 1844 chega a Paris, analisa as obras de economistas célebres, como Adam Smith, J.-B. Say, Ricardo ou Boisguillebert.** (BOTTIGELLI; 2011, p. VII, grifo nosso)

Marx e a Economia Política

A trajetória do pensamento de Marx, observada em perspectiva, é fruto de um percurso acumulativo e progressivo, ainda que dialético. Há pouca instabilidade e a experiência da vida transparece claramente na obra. Nesse sentido, Bottigelli afirma, com ampla aceitação entre seus pares, que é ao estudar o caso dos camponeses do Rio Mosela, que Karl Marx se prepara para mergulhar de vez em seu trabalho de Economia Política. E em nota, complementa o argumento.

Numa carta a R. Fischer de 5 de abril de 1893, Engels escreveu:
“Sempre ouvi Marx dizer que foi precisamente ao ocupar-se da legislação sobre roubos de lenha e da situação dos camponeses do Mosela que, ultrapassando a política pura, descobriu a importância das relações econômicas e abordou o socialismo.”
(BOTTIGELLI, 2011, p. XXII)

O método marxista

É mister, sem dúvida, distinguir, formalmente, o método de exposição do método de pesquisa. A investigação tem de apoderar-se da matéria, em seus pormenores, de analisar suas diferentes formas de desenvolvimento e perquirir a conexão íntima entre elas. Só depois de concluído esse trabalho é que se pode descrever, adequadamente, o movimento real. **Se isso se consegue, ficará espelhada, no plano ideal, a vida da realidade pesquisada, o que pode dar a impressão de uma construção *a priori*.** (MARX; 2014, p. 28, grifo nosso)

Introdução à dialética marxista

Evidentemente, para Karl Marx e, antes, para Friedrich Hegel, era a dialética quem tensionava e diferia, ou, até mesmo, contrapunha, o método de exposição com o método de pesquisa. Como explica Cláudio Gontijo,

na exposição hegeliano-marxista, **o avançar é um retroceder ao fundamento**, ao originário e verdadeiro, do qual depende o princípio com o qual se começou e através do qual em realidade é produzido, de modo que se tem um **percurso circular em si mesmo**, em que o **Primeiro se transforma em Último e o Último se transforma em Primeiro**, ou seja, se chega afinal a um ponto que nada mais é que o seu ponto de partida: **a síntese final é também a tese inicial**.

Introdução à dialética marxista

De fato, a mesma progressão em círculo da análise ocorre quando se considera as sociedades de produção capitalista desenvolvidas, pois nelas, a mercadoria aparece tanto na qualidade de premissa (condição de existência) elementar e constante do capital, como, por outra parte, enquanto resultado imediato do processo capitalista de produção. **Em outras palavras, a mercadoria, na medida em que é forma elementar e geral do produto, aparece essencialmente como o produto e o resultado do processo capitalista de produção.** O alfa ressurgue por meio da mediação do ômega (GONTIJO, 2016, p. 243).

Introdução à dialética marxista

Resolvendo o paradigma:

Tensionando o argumento de Gontijo, o que diferencia a tese inicial (alfa) da síntese final (ômega) é que última é a primeira, **porém em outro estado de compreensão e expressão.**

A dinâmica do capitalismo

No Manifesto do Partido Comunista, no capítulo “Burgueses e proletários”, Karl Marx e Friedrich Engels afirmam, sobre a dinâmica do capitalismo: **“tudo o que é sólido se desmancha no ar, tudo o que é sagrado é profanado, e as pessoas são finalmente forçadas a encarar com serenidade sua posição social e suas relações recíprocas”**. Para os autores, a dinâmica do capitalismo é a da contínua transformação, não só em relação ao passado feudal, mas também ao próprio capitalismo – que vive em mudança constante.

CARA, Daniel. Prólogo: **Tudo que parecia ser sólido se desmanchou no ar**. In: Cruz, Rosana Evangelista da; Silva, Samara de Oliveira. (Org.). Gestão da política nacional de educação: desafios contemporâneos para a garantia do direito à educação. 1ed.Teresina: EDUFPI, 2016, v. 1, p. 25-39.

A dinâmica do capitalismo

Por algum motivo desconhecido, todas as traduções para o português utilizam o tempo verbal do passado, tanto no Brasil quanto em Portugal: “**Tudo o que *era* sólido se desmancha no ar, tudo o que *era* sagrado é profanado (...)**”. Curiosamente, em inglês, todas as versões utilizam o verbo presente: “**All that *is* solid melts into air, all that *is* holy is profaned, and man is at last compelled to face with sober senses his real conditions of life, and his relations with his kind**”.

O verbo no presente é mais capaz de dar conta da preocupação de Marx: ***a dinâmica do capitalismo, que é ininterrupta, não deixa de se revolucionar***. Em passagem imediatamente anterior à supracitada, os autores discorrem, na tradução consagrada pelo Partido Comunista Português (PCP):

A dinâmica do capitalismo

“A burguesia não pode existir sem revolucionar permanentemente os instrumentos de produção, portanto as relações de produção, portanto as relações sociais todas. A conservação inalterada do antigo modo de produção era, pelo contrário, a condição primeira de existência de todas as anteriores classes industriais.

O permanente revolucionamento da produção, o ininterrupto abalo de todas as condições sociais, a incerteza e o movimento eternos distinguem a época da burguesia de todas as outras. **Todas as relações fixas e enferrujadas, com o seu cortejo de vetustas representações e intuições, são dissolvidas, todas as recém-formadas envelhecem antes de poderem ossificar-se.”**

Circuito conceitual

Em sociedade, mulheres e homens produzem as condições materiais de sua existência.

Mercadoria: é forma que os produtos (e/ou serviços) tomam quando a produção é organizada por meio de troca.

O conceito de valor e os conceitos de trabalho

O valor é uma medida de trabalho.

Valor de uso: qualidade da mercadoria;

Valor de troca: propriedade da mercadoria de ser permutada, intercambiada.

O conceito de valor e os conceitos de trabalho

Pergunta: se o **valor de uso** é subjetivo e **valor de troca** é objetivo, **o que define a equivalência entre valores de troca?**

Sendo as mercadorias heterogêneas, tanto em propriedades físicas quanto naturais, **qual é a propriedade homogênea que permitem que elas sejam trocadas?**

É o fato delas serem fruto do trabalho.

O valor é resultado do trabalho humano.

O conceito de valor e os conceitos de trabalho

O trabalho homogêneo - que produz mercadorias - é o **trabalho abstrato**.

Em termos gerais, trabalho é toda e qualquer atividade que visa a um determinado fim.

Para o Marx há o **trabalho concreto** e o **trabalho abstrato**.

Eles são a mesma coisa, mas devem ser consideradas em seus aspectos diferentes.

O conceito de valor e os conceitos de trabalho

“Todo o trabalho é, por um lado, dispêndio, no sentido fisiológico, de força humana, e é nesta qualidade de trabalho igual, [abstracto,] que ele constitui o valor das mercadorias. Todo o trabalho é, por outro lado, dispêndio da força humana sob esta ou aquela forma produtiva, determinada por um objectivo particular, e é nessa qualidade de trabalho concreto e útil que ele produz valores-de-uso ou utilidades.”

A peculiaridade do trabalho

É apenas no processo de troca que os trabalhos concretos (heterogêneos) se tornam abstratos (homogêneos). É aí que o trabalho se revela como trabalho social.

Trabalho abstrato é sinônimo de **trabalho socialmente necessário**. É a substância do valor e sua medida se faz em unidades de tempo.

Trabalho concreto produz valor de uso.

Trabalho abstrato (tempo de trabalho incorporado, objetivado, universalizado) produz valor.

A mercadoria possui valor de uso e valor.

Valor de troca é a aparência do valor. E a mercadoria-dinheiro é o que determina o padrão de preço.

Conclusão sobre o trabalho

“O tempo socialmente necessário à produção das mercadorias é o tempo exigido pelo trabalho executado com um grau médio de habilidade e de intensidade e em condições normais, relativamente ao meio social dado.”

Fetichismo da mercadoria

CARA, Daniel. **O fenômeno de descumprimento do Plano Nacional de Educação**. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação – USP, 2019, pp 39-40.

Isaak Illich Rubin, em seu livro “A teoria marxista do valor”, afirma que a teoria do fetichismo da mercadoria de Karl Marx poderia ser chamada “com maior exatidão de teoria geral das relações de produção na economia mercantil-capitalista” (RUBIN, 1987, p. 16), o que a elevaria à condição de teoria geral da sociedade.

Fetichismo da mercadoria

O fetichismo da mercadoria é o fenômeno em que as mercadorias aparentam ter uma vontade e uma identidade independente de seus produtores. Lembra o **feitiço**, no sentido de que ele é a qualidade de uma coisa inanimada possuir poderes humanos, ter vida própria. No caso, o fetichismo da mercadoria é uma relação social entre pessoas mediatizada por coisas, as próprias mercadorias. O resultado é a aparência de uma relação direta entre as coisas e não entre as pessoas. **As pessoas agem como coisas e as coisas, como pessoas.**

Fetichismo da mercadoria

A mercadoria é misteriosa simplesmente por encobrir as características do próprio trabalho dos homens, apresentando-as como características materiais e propriedades sociais inerentes aos produtos do trabalho; por ocultar, portanto, a relação social entre os trabalhos individuais dos produtores e o trabalho total, ao refleti-la como relação social existente, à margem deles, entre produtores do seu próprio trabalho. (...) Uma relação social definida, estabelecida entre os homens, assume a forma **fantasmagórica** de uma relação entre coisas. (MARX, 2014, p. 94)

Fetichismo da mercadoria

Porém, Marx apressa-se a assinalar que essa aparência das relações entre mercadorias como uma relação entre coisas não é falsa.

Em outras palavras, os trabalhos privados atuam como partes componentes do conjunto do trabalho social, apenas através das relações que a troca estabelece entre os produtos do trabalho e, por meio destes, entre os produtores. Por isso, para os últimos, *as relações sociais entre seus trabalhos privados aparecem de acordo com o que realmente são, como **relações materiais entre pessoas e relações sociais entre coisas**, e não como relações sociais diretas entre indivíduos em seus trabalhos.* (MARX, 2014, p. 95., grifo nosso)

Fetichismo da mercadoria

E em complemento, para Ben Fine,

o fetichismo da mercadoria é o exemplo mais simples e universal do modo pelo qual as formas econômicas do capitalismo **ocultam** as relações sociais a elas subjacentes, como, por exemplo, quando o capital, como quer que seja entendido, e não a mais-valia, é tido como fonte de lucro. **A simplicidade do fetichismo da mercadoria faz dele um ponto de partida e uma boa referência para a análise das relações econômicas. Sua análise estabelece uma dicotomia entre a aparência e a realidade ocultada (sem que a primeira seja necessariamente falsa)** (FINE, 2012, p. 222).

Fetichismo da mercadoria

O fetichismo da mercadoria é a maior expressão da dialética marxista. A tese de que no capitalismo a permuta é estabelecida entre mercadorias por seus valores de troca, o que inclui a mercadoria “dinheiro”, é negada pela antítese: esse “fantasmagórico” intercâmbio entre coisas **oculta** as relações sociais de produção que geraram a própria mercadoria. Contudo, a síntese avança, e Marx, retomando com outro grau de maturidade a tese inicial conclui: **as trocas, de fato, se expressam no escambo entre mercadorias**. Por sua vez, isso incide na forma como se dão as relações sociais, sendo o capitalismo, essencialmente, relações sociais.

O modo de produção capitalista e a exploração - Marx

Daniel Cara (FEUSP)

Pressupostos

- Mercadoria
- Valor de uso (trabalho concreto)
- Valor (trabalho abstrato)
- Valor de troca
- Fetichismo da mercadoria

Circuito de conceitos

Demonstração indutiva do trabalho como criador de valor:

- A divisão social do trabalho;
- A impossibilidade de o homem produzir sua existência diretamente;
- A produção indireta: produção para o consumo e produção para a troca
(Ex. da troca de calçados por trigo)
- A aplicação dos conceitos de valor de uso - trabalho concreto, valor - trabalho abstrato;
- A questão da **IGUALAÇÃO do valor**;
- Em última instância, trata-se da superação dos problemas decorrentes do fato de o homem ter de produzir sua existência indiretamente (divisão social do trabalho).

Circuito de conceitos – 1/2

Evolução histórica do dinheiro:

1o momento: Escambo – Mercadoria por Mercadoria

2o momento: Moeda – Mercadoria

- ex. sal, gado
- problemas: diversidade, divisibilidade, porte

3o momento: Ouro e prata como meios de troca

- os riscos: perda, roubo,

Circuito de conceitos – 2/2

4o momento: o crédito

- separação no tempo entre a troca e seu pagamento
- notas promissórias, letras de câmbio
- a transação com essas notas promissórias, sua utilização como meio de troca

5o momento: cunhagem de moedas de metal (ouro e prata)

- início: optativa
- depois: monopólio do Estado
- riscos das moedas de metal: adulteração, desgaste

6o momento: papel-moeda

- inicialmente: lastro em ouro
- depois: desvinculação do lastro ouro

A fórmula universal do capital

M = mercadoria

D = mercadoria dinheiro

“A circulação de mercadorias é o ponto de partida do capital. A produção de mercadorias e a circulação desenvolvida de mercadorias, o comércio, constituem os pressupostos históricos em que aquele surge. Comércio mundial e mercado mundial abrem no século XVI a moderna biografia do capital.”

A fórmula universal do capital – 1/2

Primeira fórmula básica: $M - D - M$

Segunda fórmula básica: $D - M - D$

Capital mercantil: $D - M - D'$, sendo $D' > D$. Ou seja, comprar para vender mais caro.

Capital industrial: $D - M - D'$, como surge D' ?

A fórmula universal do capital – 2/2

MAIS-VALIA

Circulação simples: M-D-M.

- Objetivo: valor de uso, igualdade de valor

Circulação capitalista : D-M-D - D-M-D'

- Objetivo: o valor de troca, mais valor

- Força de trabalho (valor de uso e valor de troca)
- *Trabalho necessário e trabalho excedente não pago*
- *Mais-valia*

O processo de trabalho – 1/2

“O uso da força de trabalho é o próprio trabalho. O comprador da força de trabalho consome-a na medida em que faz trabalhar o seu vendedor.”

“O trabalho é, antes de mais, um processo entre homem e Natureza, um processo em que o homem medeia, regula e controla a sua troca material com a Natureza através da sua própria acção. Ele faz face à própria matéria da Natureza como um poder da Natureza. Ele põe em movimento as forças da Natureza que pertencem à sua corporalidade — braços e pernas, cabeça e mão — para se apropriar da matéria da Natureza numa forma utilizável para a sua própria vida. Ao actuar, por este movimento, sobre a Natureza fora dele e ao transformá-la transforma simultaneamente a sua própria natureza.”

O processo de trabalho – 2/2

Meios de produção:

- 1) objetos de trabalho e
- 2) instrumentos de trabalho;

Força de trabalho

Composição do Capital

$$K = C + V$$

K = Capital

C = Capital constante

V = Capital variável – começa como trabalho necessário, encerra com o trabalho excedente

Trabalho necessário: trabalho equivalente ao salário

Trabalho excedente: trabalho usufruído pelo capitalista

Taxas

Taxa de exploração = Montante o excedente produzido / capital variável despendido (custo)

Taxa de mais-valia = Horas despendidas trabalhando para o capitalista / horas trabalhando para consumo pessoal

$T_{mv} = h_{KI} / h_{Tc}$

Extração da mais-valia absoluta: aumento do valor total produzido pelo trabalhador sem alteração do montante do trabalho necessário – jornada de trabalho X saúde

Extração da mais-valia relativa: redução do valor da força de trabalho e/ou do tempo de trabalho necessário (inovações tecnológicas)

Concorrência reduz taxa de lucro; Taxa de lucro = mais-valia/C + V

Subsunções

Formal: a subordinação formal do trabalho ao capital - processo em que acontece a subsunção do trabalho ao processo de valorização do capital por meio da extração predominante da mais-valia absoluta.

Real: resultado do incremento da maquinaria e ciência no modo de produção capitalista – mais-valia relativa.

Exploração

- Nem toda relação de exploração ocorre sob o modo de produção capitalista-industrial;
- Circulação de mercadorias não corresponde ao modo de produção capitalista-industrial;
- Nem todo trabalho assalariado é explorado segundo o modo de produção capitalista.

Teoria do valor e a educação

Lev Vygotsky (1896-1934), Alexander Romanovich Luria (1902-1977), Alexei Leontiev (1903-1979), Anton Makarenko (1888-1939) e Vitor Henrique Paro

Trabalho: educadores e educandos. Relação dialógica.

Processo de produção: educadores utilizam instrumentos de trabalho e para formação plena dos educandos (objetos de trabalho), contudo ambos são sujeitos.

Educação deve servir à consciência plena. É exercício do poder e deve preparar ao exercício do poder.

Atenção

Marx não previu a *maleabilidade* ou *adaptabilidade* do capitalismo